

In: Eva Martha Eckkrammer (ed), 2009, "La comparación en los lenguajes de especialidad". Berlin, Frank & Timme (serie "Forum-Fachsprachen-Forschung"), p. 141-152.

GRAÇA RIO-TORTO ¹ (Universidade de Coimbra, Celga)
SUSANA NUNES (Instituto Politécnico de Leiria & Celga)

GRAUS DE ESPECIALIZAÇÃO SEMÂNTICA EM ESPANHOL E EM PORTUGUÊS. A PROPÓSITO DA EXPRESSÃO PREFIXAL DE TEMPORALIDADE

1. Introdução

São objectivos essenciais deste estudo:

(i) Comparar as áreas temáticas do espanhol e do português em que, nos anos 1990-2004, mais se faz sentir a presença dos prefixos de localização temporal PRE- (*pre-* esp. e *pré-* port) e POST- (*pos-* esp. e *pós-* port.).

(ii) Ponderar em que medida estes prefixos, que denotam semantismos fundamentais e universais da linguagem, pois envolvem localização na dimensão essencial do tempo, podem ser ou não considerados agentes de especialização acrescida relativamente às realidades denotadas pelas bases com que se combinam.

(iii) Analisar que tipos de conteúdo semântico estes prefixos veiculam, qual o grau de especialização informativa destes face a outras unidades afixais, e em que circunstâncias têm lugar significações mais e menos especializadas denotacionalmente.

2. Fontes empíricas

Os dados empíricos que servem de base a este trabalho são extraídos de fontes de natureza diversa, o que obriga a relativizar os resultados da análise.

Os dados do espanhol são extraídos do corpus escrito ibérico de 2000 a 2004 do CREA-*Corpus de Referência do Espanhol*.

A não homogeneidade arquitectural do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* relativamente à do CREA obrigou-nos a seleccionar quatro dicionários contemporâneos: três do português europeu — Porto Editora (1996), Academia (2001), Houaiss-versão portuguesa (2003) — e um representativo do português brasileiro: o Aurélio XXI (2001).

¹ O meu agradecimento à Fundação Calouste Gulbenkian, pelo financiamento da deslocação a Salzburg. O nosso obrigada às Doutoradas Josefa Martín e Alexandra Rodrigues, pela leitura crítica deste texto, cujo conteúdo é, todavia, da inteira responsabilidade das autoras.

Esta discrepância de fontes é metodologicamente problemática, mas simultaneamente enriquecedora, pois comparam-se realidades diversas:

- (i) em termos de tipologia de textos, os do CREA são predominantemente extraídos da imprensa (49% do total) e de livros (49% do total) e os do português são fontes lexicográficas, de língua geral, e não textos tematicamente centrados em domínios de conhecimento específicos. Todavia, o conhecimento da trajetória histórica dos prefixos portugueses PRE- e POST-, desde o século XVIII até ao presente (Nunes 2005, 2006) e o que fizemos de PRE- e de POST- no *CORDE-Corpus diacrónico del Español*- permite-nos considerar que a diferenciação de géneros textuais das fontes empíricas não anula a relevância da análise realizada.
- (ii) os dados do espanhol são sistematicamente contextualizados, o que só esporadicamente acontece com os do português².

Para o espanhol limitámos a recolha ao mundo ibérico e para o português utilizámos dados do português europeu e brasileiro. As razões para tal opção prendem-se com o volume de dados, que para o português aumentou substancialmente com a consideração do Aurélio XXI, com 130.0000 entradas.

Uma observação sumária do CORDE e das fontes lexicográficas mais antigas do português permite confirmar que é sobretudo a partir do século XIX, com a evolução das ciências, da técnica, dos sistemas de pensamento, que a representatividade dos PRE- e dos POST- mais se faz sentir nos discursos de especialidade. O grande salto de POST- dá-se em 1880, e os tipos de prosa em que este prefixo mais abunda são a histórica (25.81%), a religiosa (25.21%), a didáctica (20.68%), a científica (17.94%) e com 0.51% a periodística (consulta de post- em 1500-2000, en todos los medios, en CORDE, en ESPAÑA, 10-07-2006). Também em português (Nunes 2006) é a partir de Domingos Vieira (1871) e de Morais (7ª edição, 1877) que POST- tem expressão mais acentuada nas fontes lexicográficas. PRE- já regista grande representatividade nos dicionários desde Bluteau (1712).

3. Localização temporal

A localização temporal pode fazer-se através de recursos gramaticais (tempos verbais), adverbiais (*antes*, *depois*) e prefixais. Dos prefixos que explicitam relações temporais PRE- e POST- são os mais representativos, em ambas as línguas.

2. Não utilizamos, por falta de meios empíricos e analíticos, a tipologia textual multinível cognitivista de Ciapuscio 2000, 2003, que consagra o nível especializado, académico-didático, semidivulgativo, divulgativo e publicitário.

A expressão da anterioridade e da posterioridade implica localizar algo no eixo da cronologia temporal, tendo como referência um marco que, em caso de prefixação com PRE- e POST-, é preenchido com o denotado pela base a que se acopla o prefixo (trabalho *pré-parto*, culto *pós-bíblico*). A base fixa o marco temporal em relação ao qual se estabelece uma fase de anterioridade ou de posterioridade, o que sublinha a natureza relacional dos prefixos.

Mas o próprio termo de referência, ainda que denote um evento com existência no tempo, pode não ter limites temporais precisos ou unívocos, e as fronteiras temporais até onde pode recuar a anterioridade expressa por PRE- ou até onde pode avançar a posterioridade expressa por POST- também não são, por definição, rígidas, mas abertas.

Os prefixos PRE- e POST- funcionam como balisadores de entidades ou de estados-de-coisas situados ‘antes’ e ‘depois’ do intervalo de tempo que o nome a que estão directamente associados denota (*pos-guerra*), mesmo que esse nome esteja na base de um adjetivo (período *pré-eleitoral*, etapa *pré-estatutária*).

Os prefixos em análise combinam-se com nomes (*pré-escolaridade*), com adjetivos (*pré-victoriana*, *pré-escolar*, *pré--maligna*, *post-traumático*) e com verbos (*pré-datar*). Consideramos apenas as duas primeiras possibilidades, por serem as mais representadas em ambas as línguas.

As bases seleccionadas podem ser denominações literais de intervalos de tempo (*post-11M*, *pré-25 de Abril*, *post-meia-noite*) ou podem remeter para cenários/‘scenes’ conceptualizáveis como intervalos temporais. Assim acontece com *modelo pré-mamã*, *etapa post-Friends*, *post-Sadam*. Com efeito, *Sadam*, *Friends* e *mamã* não são nomes de intervalos temporais, como *hora*, *manhã*, *mês*, mas contêm no seu semantismo traços de temporalidade delimitável, que circunscreve temporalmente o governo de *Sadam*, a vida artística dos *Friends*, a da gestação.

Se o processo denotado é delimitável cronologicamente, como uma guerra (1914-1918), um regime liderado por x (*estalinismo*), um período/sistema cujo mentor é x (*franquismo*, *salazarismo*), um dia (*pós-11Setembro*), um período civilizacional (*paleolítico*), os intervalos anterior e posterior têm um termo *ad quem e ad quo* univocamente definidos: o período *pré-1914-1918* exclui tudo o que é posterior a 1914; o período *pós-1914-1918* exclui tudo o que é anterior ao fim de da guerra em 1918.

Mas se a realidade denotada é ontologicamente menos delimitada sob o ponto de vista cronológico, como um sistema conceptual (*construtivismo*), de pensamento (*liberalismo*), ideológico (*imperialismo*), artístico (*cubismo*), os limites temporais não são rigidamente traçáveis, pelo que as fronteiras do seu início e do seu termo são permeáveis e não estanques.

Com efeito, não é possível datar com precisão cronométrica o termo a partir do qual se pode falar de *pré-romantismo* em relação a *romantismo*, ou o termo a partir do qual e até quando se pode falar de *post-modernismo*.

O mesmo para «geografía *posmoderna*» ou para «pintores que practican la **post-**

abstracción» [2000 Carrere, Alberto; Saborit, José Retórica de la pintura ESPAÑA 04.Pintura Cátedra (Madrid)].

Para a atelicidade de *posmoderno* ou de *pre-moderno* contribui o facto de PRE-x e POST-x não terem, por definição, termos cronológicos iniciais e finais precisos, sendo temporalmente abertos.

O *continuum* do eixo temporal — ou a irrealidade do tempo (Gale, 1968) — em que se situam os estados-de-coisas que localizamos "antes, durante, depois de x" explicam esta permeabilidade. A mudança em espiral das rupturas civilizacionais, que se caracterizam pela manutenção de algumas semelhanças e pela inovação de outras características, explica os pontos de contacto e ao mesmo tempo os de cisão com o passado³.

4. PRE-, POST-: áreas temático-referenciais

Não é este o momento para dissecar a organização por áreas temáticas dos hipercampos desenhados pelo CREA, cuja utilidade é inquestionável. Apenas registamos a dificuldade em criar taxonomias em zonas de transdisciplinaridade tão acentuadas como são presentemente as de muitas ciências, que aliás se reflecte na organização interna de alguns hipercampos.

Quer em português, quer em espanhol (Quadros 1 e 2), as áreas temático-referenciais em que o uso de PRE e de POST está mais representado são as das ciências sociais, humanas, das ciências da saúde, das tecnologias ou das artes, todas presentemente marcadas por elevado grau de especialização.

Para PRE-, as áreas mais representativas são, por ordem decrescente: (i) Ciências Sociais, Crenças, Pensamento e (ii) Saúde, em ambas as línguas; (iii) Artes (para o espanhol) e (iv) Política, Economia, Comércio, Finanças (para o português). Para POST-: (i) Saúde e (ii) Ciências Sociais, Crenças, Pensamento, nas duas línguas, (iii) Artes (para o espanhol) e (iv) Política, Economia, Comércio, Finanças (para o português).

Quadro 1: PRE- em nomes e adjectivos

CREA: c.escrito 00-04	Dados do Português 96-01
-----------------------	-----------------------------

³. A semântica temporal nas línguas naturais é um domínio complexo de interdisciplinaridade com outras áreas do saber, como a filosofia da linguagem (L Nathan Oaklander, 2004, *The ontology of Time*. New York, Prometheus Books), que não cabe aqui desenvolver.

	n.º ocorrências	%	n.º ocorrências	%
1. Ciências e Tecnologia	7	7%	23	7.8%
2. Ciências Sociais, Crenças, Pensamento	42	43.3%	108	36.8%
3. Política, Economia, Comércio, Finanças	6	6.2%	39	13.4%
4. Artes	18	18.6%	13	4.5%
5. Ócio e Vida Quotidiana	4	4.2%	31	10.6%
6. Saúde	20	20.7%	76	25.9%
7. Ficção	0	0%	0	0%
8. Vários	0	0%	3	1%
	97	100%	293	100%

Quadro 2: POST em nomes e adjectivos

	CREA: c.escrito 00-04		Dados do Português 96-01	
	n.º ocorrências	%	n.º ocorrências	%
1. Ciências e Tecnologia	5	3.5%	7	6.5%
2. Ciências Sociais, Crenças, Pensamento	30	20.9%	43	39.4%
3. Política, Economia, Comércio, Finanças	16	11.1%	11	10%
4. Artes	26	18%	5	4.6%
5. Ócio e Vida Quotidiana	4	2.7%	1	0.9%
6. Saúde	57	39.6%	40	36.8%
7. Ficção	1	0.7%	0	0%
8. Vários	5	3.5%	2	1.8%
	144	100%	109	100%

Não podemos hierarquizar em absoluto os valores das amostras, porque estes são indexados aos *corpora* analisados, e desconhecemos qual a percentagem relativa de textos técnicos de ciências da saúde, de tecnologias e de ciências sociais e humanas no CREA.

Além disso os produtos prefixados estão inseridos num determinado hipercampo, em função do tipo textual e temático da fonte em que se encontram, podendo a área ontológica do

que denotam ser outra. Assim acontece em (1), em que o adjetivo *pre-edípico* aparece no Hipercampo das artes, porque o texto de que foi extraído tem por tema "Cine y vídeo", mas trata-se de um termo especializado da área da Psiquiatria.

(1) lo indicara Freud, las identificaciones en la fase **pre-edípica** están asociadas con [2000 Carmona, Ramón Cómo se comenta un texto fílmico ESPAÑA 04.Cine y vídeo Cátedra (Madrid)]

Também em (2) "post y preoperatorio" são incluídos no subcampo de Farmacologia, por efeito da fonte de onde o excerto foi extraído, mas poderia estar no da Medicina.

(2) Permite la alimentación en el **post y preoperatorio** de cirugía gástrica. [2003 VV.AA. Manual de Nutrición Enteral y Medicación para Farmacéuticos ESPAÑA 06.Farmacología Novartis Consumer Health, S.A.; Colegio Oficial de Farmacéuticos de Madrid. Vocalía de Alimentación (Barcelona)]

Exemplos como estes acentuam a necessidade de não hipervalorizar os resultados obtidos a partir do hipercampo temático ou do cotexto frásico-discursivo, relativizando-os em função das condicionantes conjunturais da sua taxonomização.

O facto de estes prefixos serem muito usados em textos de especialidade não impede que continuem a ser de uso comum nas duas línguas. Importa saber se num e noutro caso a sua semântica se altera ou não, ou se as inflexões que se verificam na informação que veiculam está mais directamente relacionada com a semântica das bases a que se acoplam.

5. O traço [\pm especialização denotacional]

Distinguiremos o facto de um afixo ser usado, ou não, em linguagens de especialidade, e o facto de poder ser portador de informação denotacional diferenciadora da da base, identificando ou não uma nova realidade ontológica. É este traço, escalar, que identificamos como [\pm especialização denotacional].

O grau de especialização semântico-denotacional dos produtos prefixados em PRE- e POST- é essencialmente determinado pelo grau de tecnicidade e de especialização semântica da base, como se observa em (3-4), cujas bases são termos técnicos que remetem para realidades denotacionais especializadas e conceptualmente opacas para leigos:

(3) Las mujeres presentan una mayor mortalidad *post-IAM* (InfarteAgudoMiocárdio) que los hombres

(4) se ha estimado que la mortalidad *post-ACTP* (AngioplastiaCoronariaTransluminal

Percutânea) sería de 1,1%⁴.

Já *pré-cirúrgico*, *pré-operação*, *post-operatório*, *post-traumático* apresentam um grau de especialização diminuto, porque o denotado pelas bases é suficientemente transparente para não ser marcado como [+técnico].

Mas o facto de PRE- e POST- se combinarem com unidades lexicais de elevado e de baixo grau de especialização, mantendo em ambos os casos a mesma significação (“anterior a/posterior a”), não anula que possam ser portadores de um semantismo marcado por um determinado tipo de diferenciação/especialização denotacional.

Casos como estes obrigam a questionar quais os limites para a caracterização como [±diferenciada/especializada denotacionalmente] de determinada unidade afixal.

Há sufixos claramente marcados como usados em linguagens de especialidade e diferenciados denotacionalmente, como *-ose/-osis* (*furunculose*, *silicosis*) ou *-ite/-itis* (*faringite*, *meningitis*), que carregam uma significação técnica unívoca e denotacionalmente nova relativamente à base.

Os prefixos *hipo-*, *hiper-* são usados na denominação de classes taxonómicas, e formam *hipónimos* e *hiperónimos* do que a base denota (*hipertexto*, *hipercampo/hipocampo*).

Também neste conjunto se incluem *super-* (*superestrutura* ideológica) e *sub-* (*subespécie*), quando usados como denotadores de ordenação taxonómica, de termos *superordenados* e *subordinados*, e não como avaliativos (*super-herói*, *sub-facturar*). Igualmente *macro-* e *micro-* denominam *hipónimos* e *hiperónimos* do que a base denota (*macroestrutura*, *microestrutura* textual), sendo também avaliativos (*macro-aumento* de capital, *micro-processador*), equivalendo a “de grandes/de pequenas proporções”.

Hiper/hipo-, *super-/sub-* e *macro-/micro-* podem veicular uma informação taxonómica, de superordenação/subordenação denotacional. Assim acontece quando os derivados passam no teste da inclusão unidireccional da classe referencial denominada pelo produto na classe referencial denominada pela base, inclusão que define os termos subordinados e os superordenados.

Quando estes prefixos funcionam como avaliativos, o denotado pelo derivado não é ontologicamente diferente do denotado pela base, mas uma manifestação majorada ou minorada deste: *hiper-mercado*, *super-herói*, *hiper-moderno*, *mini-mercado*.

⁴ (3-4) extraídos de [2001 PRENSA Informe de Evaluación de Tecnologías Sanitarias, nº 31, 11/2 ESPAÑA 06.Medicina Ministerio de Sanidad y Consumo. Instituto Carlos III. Agencia de Evaluación de Tecnologías Sanitarias (Madrid)]

Os prefixos de localização temporal são mais ou menos especializados denotacionalmente que os que promovem a denominação de termos superordenados e subordinados? Quando se pode falar em especialização semântica de um afixo? Certamente quando o semantismo deste permite denominar um novo objecto/estado-de-coisas ontologicamente diverso do denominado pela base e, portanto, quando o semantismo do afixo integra o denotado pela base numa outra classe conceptual ou cognitiva. Mas serão todos os casos exemplos de situações tão unívocas?

De todos os prefixos, os avaliativos (Rio-Torto 1993) são os menos unívocos, porque explicitam juízos de avaliação do falante em relação ao denotado (*super-herói*, *hiper-moderno*, *sub-alimentado*) e/ou ao interlocutor, juízos que se ancoram na escala de valores do locutor. Os denotados sufixados com avaliativos apresentam as mesmas propriedades prototípicas que os das respectivas bases (*livrinho* é um "livro pequeno"). Os avaliativos são, assim, não marcados por [+de especialização denotacional].

A hipótese de que a semântica dos prefixos permite organizá-los numa escala cujos extremos são marcados por graus-limite de especialização denotacional, ganha, assim, evidência. Resta avaliar em que medida também a semântica das bases determina (ou contribui para) a informação denotacionalmente especializada do produto.

Vejamos então se a informação semântica que PRE- e POST- carregam em relação às bases é suficientemente diferenciadora, sob o ponto de vista denotacional, para que os seres e/ou estados-de-coisas denotados possam ser ou não marcados por um grau acrescido do especialização semântica.

PRE- denota "antes de" e POST- "depois de", mas as fronteiras *ad quo* de PRE- e *ad quem* de POST- são abertas, nem sempre sendo possível determinar cronologicamente até onde recua temporalmente PRE-x e até onde se prolonga temporalmente POST-x.

Sob um ponto de vista lógico, "antes de x" implica "ainda não x", e "depois de x" implica "já não x". Mas não existe sobreposição rígida e unívoca entre cronologia lógica e cronologia conceptual e linguisticamente verbalizada (Martin & Nef, 1981).

As fronteiras temporais podem ser absolutamente unívocas, por forma a que o que lhes é prévio ou ulterior seja objectivamente delimitável. Em *post-IIM*, *post-venda* ou *post-mortem* os eventos ou os estados denotados são sucedâneos de *IIM*, da *venda* ou da *morte* consumada, não coincidindo com os respectivos intervalos de tempo.

POST-x, mesmo que não haja ruptura ontológica ou epistemológica absolutamente estanque com x, denota algo posterior a x, e por isso em certa medida "já não x". Assim acontece com historia *post-moderna*, época *post-industrial*, era *post-nuclear*, repertório *post-romântico*.

Em *pré-cirurgia*, em *pré-OPA* (oferta pública de aquisição), em cursos *pré-Bolonha*,

também o processo ou "estado-de-coisas" denotado não coincide com a *cirurgia*, com a *OPA*, com a implantação no terreno do *modelo de Bolonha*, sendo-lhes antes prévio no tempo. Ontologicamente o que a base denota e o que PRE-x denota são diversos, ainda que possam ser aparentados.

O "México *pré-porfiriano*" é passível de ser delimitado cronologicamente com relação ao momento em que se iniciou o governo de Porfírio Diaz. Por conseguinte, há uma fronteira clara entre o *antes* e o *depois* da entrada em funções deste político.

Mas em muitas outras circunstâncias, a fronteira temporal e ontológica entre x e "prévio a x" é ténue e de difícil traçado, porque a de x (*academismo*, *decadentismo*) também o é. Se os domínios que envolvem períodos e/ou movimentos intelectuais, sistemas de pensamento, têm fronteiras temporais relativamente abertas, então também o período que antecede ou que se lhes segue é de contornos temporalmente permeável.

O *pré-estruturalismo* já pode conceptualmente anunciar e/ou conter alguns traços do estruturalismo, do mesmo modo que o *post-estruturalismo* pode ainda ter também algumas marcas de estruturalismo. O período *pre-historico* ou um período *pre-científico* podem ser considerados "(ainda) não x", e portanto uma não variedade/um não sub-tipo de x; mas também podem denotar um período que "contem já algumas propriedades prototípicas de x, renunciando x", aproximando-se da intensão prototípica de x.

O *pujolismo* não se limita ao tempo de governo de Jordi Pujol mas, na medida em que configura um sistema de actuação política, assente num sistema ideológico e filosófico, tem uma duração teoricamente ilimitada, típica dos sistemas conceptuais. Por isso se pode falar de um

(5) eje del "post-pujolismo" [2002 PRENSA La Razón, 21/01/2002. ESPAÑA 03.Política Grupo Planeta (Madrid)], que pode apresentar ainda alguns traços do *pujolismo*, ainda que lhe sendo posterior.

Um *pré-ensaio* é já um ensaio, ainda que prévio a um outro mais definitivo; um *pré-teste* é também um teste, embora anterior a um outro programado, de referência; o *pré-pagamento* é uma forma de pagamento antecipado, que subverte uma modalidade outrora mais consagrada, e porventura por isso mais prototípica, a de pagamento após o consumo ou a compra. Neste caso a unidade lexical PRE-x não denota algo de ontologicamente diferente de x: apenas uma sua variante, como se de um (co-) hipónimo se tratasse.

Mesmo em relação a períodos de tempo relativamente delimitáveis, como a época *natalícia* (*navideña*), as suas fronteiras temporais alargam-se enormemente, com a explosão do comércio que desde Outubro invade o mercado e a paisagem, ampliando a época outrora apenas ou predominantemente religiosa do 24-25 de Dezembro até ao dia 6 de Janeiro, dia de

Reis. Por isso, qualquer referência a *pre-natalício/navideño* tem uma fronteira temporal *ad quo* relativamente aberta, porque *natalício/navideño* recua até Outubro?/novembro? e, por maioria de razão PRE-, não tem termo *ad quo*.

A semelhança com POST- é notória no que diz respeito às referências posteriores às festividades de Natal/navideñas, como em *fechas post navideñas* ou em *dieta post navideña*, que remetem necessariamente para um período ulterior ao período do Natal-Reis, sem termo delimitado temporalmente.

Em suma, o comportamento semântico de PRE- e de POST- apresenta semelhanças, pois em ambos os casos o âmbito temporal de PRE- e de POST- tomam como baliza de referência o que x denota, mas as fronteiras temporais iniciais de PRE-x e finais de POST-x são cronologicamente ilimitadas.

O prefixo PRE-, além do valor mais prototípico de "antes de x", "prévio a x", pode também significar "quase, não inteiramente, não completamente x", denotando uma "forma ou uma manifestação mitigada de x". Um *pré-ensaio* é já uma forma não definitiva e não última de ensaio. Um *pré-aquecimento* é já uma forma de aquecimento, ainda que mais branda e prévia a um ulterior e mais consistente aquecimento. Um *pré-anúncio* (de greve) é já uma forma (prévia) de anúncio. Uma *pré-anemia* é um princípio de anemia. Os limites não estanques das fronteiras ontológicas estão aqui claramente patentes, revelando um *continuum* escalar que vai do "anterior/prévio a x" a "quase x", "semi x". Estes sentidos de "quase", "semi" são concebíveis num registo de "parecença de família", na acepção Wittgensteiniana, e trazem lexicalização acrescida ao significado prototípico do prefixo.

A [±especialização denotacional] pode, assim, ser equacionada nos seguintes termos. A especialização semântica que uma unidade lexical introduz supõe a emergência de um novo referente ou de um novo denotado, diferente do da base. Ora, quer no caso de POST-x quer no caso de PRE-x, ainda que o denotado seja diferente, porque "posterior a x" e "anterior a x", a verdade é que nem POST-x nem PRE-x podem ser considerados sistematicamente sub-variantes de x, mas também não podem ser encarados como entidades totalmente desvinculadas sob o ponto de vista conceptual e denotacional de x, pois o *continuum* ontológico-temporal persiste. Como se observa no quadro 3, derivados e afixos configuram uma escala de especialização denotacional, em que os afixos avaliativos são os menos especializados e os sufixos *-ose/-osis*, *-ite/-itis* os mais especializados. Tal não impede que estes se prestem a usos desteterminologizados, como *adjectivite* 'uso excessivo de adjectivos'.

Quadro 3: Para uma escala de especialização semântica de afixos

Semântica dos afixos	Diferenciação semântica do denotado pelo derivado
-----------------------------	--

	face ao denotado pela base
avaliativos: em grau máximo/mínimo; grande/pequeno	O denotado pelo derivado não é ontologicamente diferente do denotado pela base, mas uma manifestação majorada ou minorada deste: <i>hiper-mercado, super-herói, moderníssimo, sub-alimentado, mini-mercado, mercadinho</i>
aproximativos: quase/semi x, ainda x	O denotado pelo derivado representa uma manifestação mitigada de x, quase x: <i>pré-aviso, pré-anemia</i> O denotado pelo derivado representa uma manifestação epigonal de x, ainda x: <i>pos-modern(ism)o</i>
hiperónimos e hipónimos	O denotado pelo derivado representa um sub-tipo (<i>sub-título</i>) ou um termo superordenado (<i>hiper-texto, macro-economia</i>) do denotado pela base
anterioridade e posterioridade	O denotado pelo derivado representa algo ontologicamente diferente do denotado pela base: “antes de x, prévio a x, ainda não x” (<i>pré-11M</i>), “posterior a x, já não x” (<i>pós-venda</i>)
doença, inflamação	O denotado pelo derivado representa algo ontologicamente diferente do denotado pela base: doença relacionada com x (<i>furunculose, silicosis</i>), inflamação relacionada com x (<i>faringite, meningitis</i>)

Os prefixos PRE- e POST- apresentam, portanto, um semantismo variável (temporal vs aproximativo), parcialmente sub-especializado em função do denotado pela base: “prévio a x, ainda não x” ou “quase x, com alguns traços típicos de x” e “posterior a x, já não x” ou “ainda com alguns traços típicos de x”. O grau de especialização aportada pelos prefixos está, assim, correlacionado com a autonomia denotacional do produto relativamente à base, sendo tanto maior quanto maior a autonomia denotacional e a descoincidência temporal entre base e derivado

O comportamento singular destes prefixos, quando significam “quase x, com alguns traços típicos de x”, “ainda com alguns traços típicos de x”, traduz um processo de semantização acrescida, mas também de menor univocidade denotacional face à sua semântica matricial, de prefixos de anterioridade e de posterioridade temporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cabré, Maria Teresa (2002). “Textos especializados y unidades de conocimiento: metodología y tipologización”. In: J. García Palacios & M. Teresa Fuentes (eds), *Texto, terminología y traducción*. Salamanca, Ediciones Almar, 15-36.
- Ciapuscio, Guiomar (2000). *Hacia una tipología del discurso especializado*. *Discurso y sociedad* 2(2). 39-71.
- Ciapuscio, Guiomar (2003). *Textos especializados y terminología*. Barcelona, IULA.
- Gale, R. (1968), *The Language of Time*. London, Routledge & Kegan.
- Martin, Robert & Frédéric Nef (1981). “Temps linguistique et temps logique”. *Langages* 64. 7-20.
- Nunes, Susana (2005). *Prefixação espaço-temporal em português*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa. Coimbra, FLUC.
- Nunes, Susana (2006). “A prefixação espaço-temporal em português: representatividade dicionarística e tendências de acoplagem de pré-, ante- e pós-“. *Actas do XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, CD-ROM.
- Reeves, Carol (2005). *The Language of Science*. London, Routledge.
- Rio-Torto, Graça (1993). *Formação de palavras em português*. *Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra.
- Rio-Torto, Graça (1998). *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto, Porto Editora.
- Varela, Soledad & Josefa Martín (1999). “La prefijación”. In: Bosque & Demonte (ed.), *Gramática descriptiva de la lengua española*. volume 3. Madrid, Espasa, 4993-5040.

CORPORA

- Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Corpus diacrónico del español*. (CORDE) URL: <http://www.rae.es/> Consulta em 10-07-2006
- Corpus de referencia del español actual* (CREA. URL: <http://www.rae.es/>. Consulta em 10-07-2006
- Dicionário Electrónico de Língua Portuguesa* (1996). Porto: Porto Editora e Prinberam Informática.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (2001). *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa: dicionário eletrônico*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Houaiss, Antônio (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.